

UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E AS RELAÇÕES AMOROSAS NA ATUALIDADE

**A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE ON THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT AND
ROMANTIC RELATIONSHIPS IN CONTEMPORANEITY**

Luiz Guilherme Araújo Gomes
João Paulo Prado Marssaro
Vinicius Schons Teodoro
Ana Paula Costa Fabiani
anapaulafabiani23@gmail.com

Resumo

Buscando compreender como a cultura e as relações sociais inter e intrassubjetivas proporcionam a constituição do sujeito, esta pesquisa foi fundamentada a partir de um ensaio teórico, oriundo de um trabalho de conclusão de curso em Psicologia, com o objetivo de apresentar algumas mudanças históricas sobre o que é o amor para a sociedade, refletir como é constituído o amor na neurose e delinear as principais maneiras de como o indivíduo enxerga e vivencia uma relação amorosa na contemporaneidade a partir dos conceitos da Psicanálise, considerando a permanência e manutenção das relações colocadas ao nível de objeto de satisfação e de idealização do outro. Pretende-se refletir sobre a autonomia do indivíduo no campo amoroso e do entendimento do seu desejo associado ao imaginário social aceito de relação conjugal.

Palavras-chave: Psicanálise; Desejo; Amor; Neurose.

Abstract

Aiming to elucidate how culture and both inter- and intrasubjective social relations underpin the constitution of the subject, this study derived from a bachelor's work in Psychology comprises a theoretical essay designed to trace historical shifts in the societal conception of love. Furthermore, it seeks to examine the ontogenesis of love within the structure of neurosis and to delineate the primary modalities through which individuals perceive and experience romantic relationships in contemporaneity. Grounded in Psychoanalytic theory, the analysis addresses the persistence of interpersonal bonds characterized as objects of satisfaction and the idealization of the "other." Ultimately, the study endeavors to reflect upon individual autonomy within the romantic sphere and the dynamics of desire as they intersect with the socially established imaginary of conjugal life.

Keywords: Psychoanalysis. Desire. Love. Neurosis.

INTRODUÇÃO

Por vezes, os relacionamentos amorosos são idealizados como flores e poesias, porém, existe o outro lado, onde o sujeito pode se encontrar em um laço afetivo causador de dor e angústia, mas que, por algum motivo, faz com que o indivíduo permaneça nesse relacionamento em "nome do amor". Estas questões se colocam frequentemente na prática clínica, na qual a psicanálise pode contribuir para a compreensão desta parte importante na vida das pessoas. Portanto, faz-se necessário, inicialmente, a apresentação de algumas concepções históricas sobre o que é o amor e quais as suas implicações na vida das pessoas.

Uma das primeiras formulações do amor foi composto por Hesíodo ao criar Eros, tipificando-o Deus do amor verdadeiro, que tinha como virtude fazer qualquer um se apaixonar ao ser flechado por ele. Muito respeitado e temido no Olimpo, “era representado com aparência de um menino inocente e puro, além de ter o dom de fisgar o coração - considerado na antiguidade como órgão de sentido e sensibilidade do ser, gerador da paixão” (Teixeira, 2006, p. 187). Afrodite, deusa da beleza e mãe de Eros, deu a ele uma missão de fazer Psique, uma semideusa que Afrodite invejava por ser muito bonita, ser flechada pelo menino. Eros falhou se acidentando com sua própria flecha, apaixonando-se perdidamente por Psique (Teixeira, 2006).

Em uma outra grande obra, no “Banquete” de Platão, o amor se coloca como centro de discussão em um jantar regado a bebidas e prazeres. Eros era associado ao desejo amoroso, ainda não muito compreendido em sua essência pura e simplesmente romântica, assimilando-se mais para o âmbito político e do conhecimento de algum saber ou habilidade (Miranda Filho, 2011). No discurso de Aristófanes, intelectual grego, ressalta-se que “a satisfação sexual propiciada por Eros surge como fenômeno secundário, estando longe de esgotar sua dimensão mais ampla e profunda” (Miranda Filho, 2011, p. 45).

Ainda que inicialmente poder-se-ia tomar o amor através de uma ligação entre a satisfação amorosa como consequência de uma satisfação mais ampla, muito ligada ao poder, conhecimento e riquezas, considera-se que “a maneira de se expressar e sentir o amor se transforma ao longo da existência, pois esse é um processo interativo e evolutivo” (Braz, 2005, p.74). Não muito distante da realidade da Grécia antiga, fica mais claro a relação existente das primeiras formulações do amor como parte de um todo, ligado a outros prazeres muito distantes ainda da concepção de uma relação individualizada.

Na Idade Média a união de duas pessoas não tinha como foco a realização pessoal e uma escolha entre os envolvidos, estava sustentada através de um contrato firmado entre famílias em que visavam outros interesses, como o econômico, por exemplo (Pinho, 2015). Na transição da Idade Média ao Feudalismo, o amor cortês se fez presente principalmente aos poetas e admiradores da época. Muito além do que hoje o amor representa, naquela época ele estava mais para uma etiqueta, a qual o cavaleiro, muito romantizado pelo seu status se submetia a deveras do amor cortês: “Amor fino, delicado, contido, cheio de cortesias e regras cavalcandescas. O amante tudo suporta, tudo sofre por sua Dama, mulher divinizada, inatingível e, por si mesmo, investida da mais elevada supremacia” (Pinho, 2015 p. 187).

Este amor idealizado e nunca alcançado, humilhante e transcendente por estar em desacordo com as regras de castas, onde o cavaleiro almejava e cortejava a mulher da nobreza, sem ao menos ser nobre (Pinho, 2015). Neste mesmo período se tinha a repreensão dos sentimentos e desejos no casamento, pois acreditava servir prioritariamente para interesses financeiros e de reprodução, “por um lado ceder as moças, negociar da melhor maneira possível seu poder de procriação e as vantagens que elas podem levar à sua prole; por outro, ajudar os rapazes a encontrar esposa” (Budy 2011, p.14).

Porém, monges e clérigos menos extremistas acreditavam na existência do amor de uma forma onde o sexo ainda era subordinado: “A época caracteriza-se por uma progressiva cristianização da instituição matrimonial [...] cujo objetivo, atemporal, é refrear as pulsões da carne, isto é, reprimir o mal, represando numa moderação estrita as irrupções da sexualidade” (Budy, 2011, p.14). Outra idealização do amor como representação de caridade e misericórdia, pois “o cristianismo apresenta o amor como algo que nasce de uma gratuidade em que a origem do amor se dá a partir de um ato de humildade da divindade” (Quadros, 2011 p. 170). Fato que sustenta o discurso de que por ser amor é necessário que tudo seja suportado a fim de manter a união, pois seguindo esse pensamento rompê-la pode significar um fracasso, até mesmo um pecado perante “Deus”.

Tendo forte influência sobre a conceituação do amor para época e para algumas concepções ainda vigentes na contemporaneidade, o cristianismo funda o amor ágape, um amor considerado puro, celestial e que suporta tudo. Quadros (2011) retrata o quanto o amor é elencado como uma das formas de adentrar a plenitude, pois, ainda nas cerimônias de casamentos as recomendações de tudo suportar “até que a morte os separe” torna-se uma dádiva, “um dom de Deus como o mais alto dos sacrifícios”, onde a união deve persistir até a morte dos pares.

Com o início do Romantismo, no século XVIII, ocorre uma transformação nas lógicas das relações afetivas e, principalmente, na do casamento. Emídio e Souza apontam que, "os ideais românticos incidiram sobre e tornaram-no um modo de relação aceito socialmente, contendo o patriarcalismo a indissociabilidade e a monogamia" (2019, p. 100), como um ideal de manutenção para uma relação amorosa. A monogamia como ordem que normatiza as relações afetivas entre os indivíduos sob o casamento, ou seja, nesta instituição que prevalece o ideal de se relacionar apenas com um parceiro, se possível durante a vida toda e de preferência formado por pessoas de sexos opostos. Além de ignorar as subjetividades e escolhas individuais incentivadas pelos ideais pregados pela indissociabilidade frente ao casamento, reforça a união permanente dos parceiros, não sendo bem-visto o divórcio muito menos um segundo casamento (Emídio; Souza, 2019).

Para Schüssler e Lomando (2019, p. 20) a "configuração monogâmica é uma construção social, um arranjo humano para organizar os relacionamentos". A partir disso, a monogamia torna-se o ideal de relacionamento amoroso tendo a igreja, a cultura, a política, e outras instituições como contribuintes deste modo de relação, cuja energia amorosa e sexual devem se dirigir exclusivamente para uma única pessoa (Schüssler; Lomando, 2019).

Mesmo com as mudanças do cenário social e dos conceitos morais, a forma monogâmica permanece sendo a mais reproduzida pela sociedade brasileira. Além disso, o modelo capitalista muitas vezes colabora para que o sujeito busque se satisfazer de forma rápida, sem ao menos compreender se esse é realmente o seu desejo ou se aquilo que acredita que o completará foi imposto pelo outro. Este fato é explicado por Pinheiro e Andrade (2004) no texto "Leitura psicanalítica da publicidade amorosa", onde aborda como o indivíduo perde sua individualidade ao buscar suprir sua vontade pelo que o coletivo espera e como a publicidade propaga a dissolução dessa subjetividade.

A lógica de consumo busca através de propagandas comerciais, por exemplo, instaurar um modo de satisfação atrelado ao objeto de gozo e que muitas vezes se passa por objeto de desejo. As relações pessoais imitam esse mecanismo do sistema capitalista, que busca dar nome àquilo que falta, porém, ao investir o seu desejo com o objetivo de satisfação o indivíduo espera que o outro supra o seu vazio, procurando se identificar e acreditando que é aí o lugar de satisfação plena (Pinheiro; Andrade, 2004).

Outro fator importante para as mudanças das relações afetivas foi o movimento feminista, pois contribuiu (e ainda contribui) para a redefinição do papel da mulher na sociedade. Segundo Oliveira:

No Brasil, após a revolução sexual da década de 1960, o movimento feminista trouxe à tona a liberdade econômica, política e sexual da mulher. Consequentemente, a mulher ganhou avanços no mundo do trabalho, econômico e no controle do próprio corpo, recriando todo um modo de relação com o homem (2018, p. 67).

Concordando com Emídio e Souza "resultou na mudança da hierarquia entre os sexos, proporcionando a pílula anticoncepcional e costumes mais íntimos, além de agora existir a possibilidade de divórcio e de legitimar outra união" (2019 p. 100). Esse movimento deu liberdade para as mulheres saírem do espaço doméstico que estavam condenadas, para buscar desejos alheios àqueles impostos a elas. Por consequência, as instituições vigentes na época, monogamia, patriarcalismo e a indissociabilidade, começam a enfraquecer resultando em um movimento de desconstrução dessas instituições (Emídio; Souza, 2019).

Logo, percebe-se o feminismo como um movimento fundamental para a ascensão da mulher, pois possibilitou-se a compreensão do sexo feminino como um ser autônomo e que, portanto, tem direito à suas próprias escolhas, mas ainda influenciadas pelas relações de trabalho e econômicas:

A nova configuração de valorização do profissional foi facilitada pelo trabalho remunerado feminino que constituiu um momento de virada nessa dinâmica da distribuição do poder nas relações conjugais, uma vez que, pela independência econômica da mulher, novos arranjos se tornaram possíveis no âmbito familiar. Assim, o casamento não deixou de ser importante, mas não é mais fundamental (Teykal apud Smeha; Oliveira, 2013, pg 42).

Ainda que tenha sido alcançado essa possibilidade, ainda não é garantia, tendo em vista o aumento considerável no número de mortes e violência cometidas contra mulheres por seus parceiros. Em uma pesquisa realizada na cidade de Campinas (SP) acerca dos feminicídios concluiu-se que “as principais motivações dos feminicídios foram o desejo de separação das mulheres de seus companheiros, os ciúmes e os desentendimentos com o companheiro” (Caicedo-Roa *et. al*; 2019, p. 07). Na mesma pesquisa Caicedo-Roa (2018) aborda como o feminicídio se tornou um problema de saúde pública, dando ao Brasil a posição do sétimo lugar no ranking dos países que mais cometem violência contra a mulher. Assim, muitas vezes violentada pelos estigmas e objetificação realizados de forma equivocada ao que é imposto para o feminino, a mulher sofre com este fato de difícil resolução.

Portanto, as relações amorosas passaram por profundas mudanças de perspectivas ao longo do tempo, ressignificando a união conjugal com uma liberdade de escolha maior das

pessoas, em especial para a mulher, que agora não se prende tanto as malhas da indissolubilidade, mas ainda delimitada em certas normativas e que ainda incidem produções de sofrimento e morte.

Emídio e Souza (2019 p. 100) citando Bauman concordam que "(...) a brevidade atual do amor coloca que se antes este era estável e imprescindível, recentemente os sujeitos começaram a se defrontar com o não comprometimento", trazendo a fluidez como uma característica das relações amorosas atuais. A fluidez das relações emerge como um desdobramento da sociedade consumista em que a contemporaneidade se encontra. Para Eizirik (2018) o consumismo é uma das principais marcas de nosso tempo, pois o indivíduo é constantemente colocado em busca daquilo que possibilitará a sua plena satisfação. Como um objeto que pode ser substituído a qualquer momento devido a velocidade e quantidade com a satisfação prometida que possibilitam:

Da sociedade dos produtores passamos à sociedade dos consumidores, acostumados a descartar, apressados, em busca de resultados rápidos e eficazes. Trata-se de neutralizar o passado e abraçar avidamente a previsão do futuro, este é o ideal da liberdade, com a possibilidade infinita de recomeços e renascimentos, ou seja, o poder da anulação das relações causais, das consequências dos atos precedentes, do passado limitante. (Eizirik, 2018, p. 216 - 217).

Assim, o consumismo que caracteriza nossa temporalidade e que atravessa o indivíduo, influencia as formas de se relacionar com o outro marcado por essa facilidade nas trocas e substituições propostas pelo capitalismo e pela tecnologia do século XXI. Este elemento torna-se um importante fator para constituição do sujeito, por este ser imerso na cultura, cuja formação psíquica se dá através dos modelos de referências que tem dispostos:

A velocidade, a tecnologia, venceram as marcas do tempo, das distâncias; ocupam os espaços das relações, afetando sobremaneira o estabelecimento e o fortalecimento dos vínculos humanos. O amor, porém, continua em alta. E são multidões à procura do par, seja ele hetero, homo, trans, bissexual. Não importa. É sempre o desejo de outro, deste outro, algum outro, a que se aspira encontrar, que existe no imaginário do desejo, ou em sua concretude (Eizirik, 2018, p. 216).

A tecnologia e as redes sociais passam a ser uma ampla plataforma que permite ao indivíduo relacionar-se de inúmeras maneiras, sendo um espaço onde o usuário ganha uma autonomia frente às suas escolhas e vontades e que impulsiona a procura do sujeito por alguém para a concretude do seu desejo.

Assim, são constituídos vários significantes que caracterizam uma relação afetiva, contribuindo para o que é preestabelecido socialmente e culturalmente em um relacionamento, como: viver juntos, para sempre, proibições de desejos subjetivos, anulações de algumas vontades e aceitação incondicional existentes na instituição amorosa.

Evidenciando, com isso que o amor desde suas formulações iniciais até a atualidade “É essencialmente um ideal... de lealdade, conduta e comportamentos que partem de uma erótica” (Lacan 1959-60/2008 *apud* Pinho, 2015 p. 188). Um jogo de regras a serem seguidas, cortejado como objeto máximo de satisfação que nunca chegaria a ser realizado por completo, “até que a morte nos separe”, mas marcado sempre por uma parcialidade que lança os sujeitos ao vazio.

Logo, considerando o amor como um elemento provocador de desdobramentos inter e intrassubjetivos, torna-se perceptível a sua influência como significante que atravessa os sujeitos e que, articulado com o período histórico e contexto social, contribui para os modelos de relacionamentos vigentes. Assim, questiona-se de que modo pode-se considerar o modo como as pessoas podem vivenciar suas relações amorosas a partir de uma perspectiva psicanalítica.

METODOLOGIA

Para a escrita deste ensaio teórico, fruto de um trabalho de conclusão de curso em Psicologia, foi realizada uma revisão bibliográfica, inspirada pela revisão integrativa, que analisa dados literários teóricos e empíricos, proporcionado a síntese de conhecimento. Tornando possível a aplicação dos resultados na prática, "além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular" (Souza; Silva; Carvalho, 2010, p.103), permitindo uma análise do problema a partir de várias nuances.

A revisão integrativa, constituída por seis fases sequenciais da pesquisa, partindo da elaboração da pergunta norteadora, momento em que se delimita quais serão as pesquisas que contribuirão para a seleção dos dados a serem analisados. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010) além disso, é necessário que a pergunta seja feita de forma clara, relacionando-se a um problema teórico conhecido pelo pesquisador, a busca e amostragem na literatura, é a etapa onde se busca dados em base eletrônicas e periódicos manuais, sendo necessário ser ampla e

diversificada. Para isso, deve-se considerar o número de resultados a fim de definir os critérios inclusivos e exclusivos da pesquisa. Logo, "é necessário contemplar as publicações que se relacionem com os participantes, intervenções e resultados que estejam em concordância com a pergunta norteadora" (Souza; Silva; Carvalho, 2010, p.104).

A análise do discurso para Souza, Silva e Carvalho (2010) é explorada em seu contexto interacional a partir das relações sociais, observando mais especificamente as informações de natureza sócio interacional e sócio-histórica ancoradas no discurso. Permitindo a flexibilidade na interpretação do material pesquisado e possibilitando o conhecimento acerca das várias formas as quais o problema é abordado.

O levantamento dos artigos realizou-se nas seguintes bases de dados: Bvpspi, Pepsic, Scielo e Lilacs. Tendo como uso os descritores para a busca: psicanálise; amor; desejo; pulsão. Os critérios de inclusão foram os textos publicados que versam sobre a temática, dentre eles foi feito a leitura do resumo e selecionados aqueles que estavam de acordo com as visões de Freud e Lacan, além de terem relação com a neurose. Os critérios de exclusão foram aplicados aos textos publicados que não compunham referências a Freud e Lacan, além de não terem a neurose como pressuposto principal. Para a realização da discussão foram encontrados vinte e cinco artigos, sendo que onze estavam dentro do recorte e quatorze foram excluídos por não atenderem os requisitos delimitados.

Tratando-se de um ensaio teórico, espera-se que este trabalho leve o leitor a interrogar-se e interrogar a temática a partir da própria perspectiva, considerando os apontamentos levantados por outros autores e, com isso, produzir as próprias conclusões. Este modo de fazer ciência, que escada do modelo moderno e cartesiano, não propõe o fim do rigor científico, mas sim uma profundidade que se coloca na capacidade de levar à reflexão crítica da realidade (Meneghetti, 2011).

Sendo assim, compreendemos que a utilização da revisão integrativa para subsidiar este ensaio teórico vai além de desenvolvimento de políticas, protocolos e procedimentos, pois considera-se mais importante o pensamento crítico, utilizando publicações encontradas para subsidiar a reflexão.

DISCUSSÃO

Como produto de uma constituição cultural-histórica, de laços, vivências e outros fatores do cotidiano, o sujeito cria então o seu modo de relacionar-se afetuosamente com o outro. Ainda cedo o bebê vai experienciando aquilo que lhe proporciona prazer ou desprazer, que satisfaz suas pulsões, possibilitando a instauração do narcisismo. Para Cintra:

Desde a precoce idade de quatro meses, uma criança pode convidar a mãe a uma primeira forma de jogo que transforma uma simples troca de fraldas em um momento intenso de experiências emocionais compartilhadas. Essas trocas combinam ressonâncias mútuas e diferenças que dão início a um tipo de reconhecimento baseado em um jogo de mutualidade (2018, p. 693).

Esse jogo instaurado busca atender a demanda da criança de sempre ter uma resposta de fora, um reconhecimento de si pelo outro que já possui uma existência própria. O bebê nesse momento repete essa relação inclusive com seus brinquedos que, ao puxar um fio, por exemplo, emite uma resposta. Para Cintra (2018) o brincar passa a ser uma atividade que proporciona o reconhecimento da criança como sujeito, implicando em sua constituição e reforçando a troca com o outro, Fuks e Rudge descrevem sobre a relação do bebê com o Outro:

(...) o pequenino ser, o Outro é um desconhecido situado numa relação de extrema proximidade. O próximo é, ao mesmo tempo, seu primeiro objeto de satisfação, fonte da experiência mítica de prazer absoluto que a criança tenta reproduzir posteriormente, e seu primeiro objeto hostil: presença estranha e ameaçadora, e única potência capaz de prestar socorro, aquele que acolhe e responde afetivamente a seu desconforto, ordenando suas manifestações pulsionais. Objeto ambíguo: que se quer reencontrar, e de repulsa, no qual evita-se até pensar, o Outro, na perspectiva freudiana, se constitui como “familiar-estrangeiro” (2018, p. 01).

É a partir dessa relação que o bebê deixará de ser uma “bolinha de carne” e irá se constituir como sujeito. Para Dunker (2016) o inconsciente é o Outro, simbólico, presente nos chistes, atos falhos, sintomas e sonhos; é aquilo que o sujeito sabe que produz, mas que tem certa dificuldade em enxergar e se responsabilizar por isso, não consegue entender diretamente, é como um enigma que se apresenta para si, cuja resposta está no próprio sujeito, porém, necessita de tradução. O deciframento do inconsciente torna-se necessário pois ele se origina através do Outro, pois é através dessa relação que o indivíduo irá se constituir como sujeito de linguagem (aprendida pelo Outro) e de afeto (através do representante materno e de sua relação com o bebê), formando a sexualidade do sujeito (Dunker, 2016).

Desde o início da psicanálise, Freud se atentou as questões ligadas à sexualidade, essa atenção toda fez com que críticos da época olhassem para sua teoria como puramente sexual, o que não foi bem recebido, haja vista o momento histórico. Em seus estudos, o criador da psicanálise percebe uma ligação entre sexualidade e pulsão, sendo a segunda uma força constante que vem de dentro do aparelho psíquico. Essas energias constantes são expelidas pelo aparelho psíquico em forma de demandas, pedido que a mãe atende e dá nome. O conjunto de situações que o bebê elabora nessa relação com seus pares afetivos vai criando marcas que uma vez culminam em suas primeiras experiências traumáticas (Freud, 1996).

Essas primeiras vivências do bebê são marcas em conjuntos que se associam e são significadas de forma traumática no psiquismo, que por consequência utiliza da fantasia satisfatória para que possa lidar com a angústia causada pela falta, fundamental para a constituição das estruturas individuais:

(...) ressaltou uma importante diferença referente à etiologia sexual das neuroses. Na etiologia histórica, encontramos a passividade sexual, uma experiência tolerada com indiferença, com temor. Na neurose obsessiva, ocorre o oposto: trata-se de uma experiência que causou prazer. As ideias obsessivas a que Freud se refere são as reprovações que o paciente dirige a si próprio, pelo gozo sexual antecipado, estando tais reprovações deformadas por um trabalho psíquico inconsciente de substituição das representações intoleráveis (Filippi et al, 2019, p. 364).

Entretanto, conforme a constituição do sujeito, a busca pela satisfação passa a ocorrer de maneira sublimada, possibilitando a simbolização em objetos daquilo que se busca através das escolhas afetuosas realizadas pelo sujeito. Através disso compreendemos a necessidade de reconhecimento de si próprio, elementos importantes abordados por Cintra (2018) no texto "Dominar, submeter-se, liberta-se: Jessica Benjamin e os laços de amor", onde a autora argumenta como esses dois elementos influenciam no desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e como acontecem nas relações parentais e com o mundo externo.

Assim, de acordo com Benjamin (1988, p. 15-16 apud Cintra, 2018, p. 6) os múltiplos sentidos que se encontram pressupostos no ato de reconhecer são: “afirmar, validar, considerar, conhecer, aceitar, compreender, sentir empatia, levar em conta, tolerar, apreciar, enxergar, identificar-se com, descobrir como algo familiar [...] amar”. Isso é notável na construção da relação entre mãe (ou de qualquer outra pessoa/fator/instituição que faça a função materna) e

bebê onde, a partir de um ano a criança vive o conflito de fazer o seu desejo ou seguir a vontade dos pais, partindo de um dia que a mãe estava cansada, ou o bebê birrento. Assim, podemos ter os primeiros desencontros da mutualidade que podem ser a causa do desprazer gerado através do contato com o outro (Cintra, 2018), contribuindo para a lapidação do sujeito psíquico que está em formação.

O representante da função materna ganha papel de figura constitutiva ao sujeito considerando o contato e o relacionamento que tem com a criança. Por ser uma relação que pode ser marcada pelo afeto, é através da representação materna que as primeiras estimulações erógenas acontecerão. Essas estimulações podem acontecer durante a amamentação, do toque, do encontro de olhares da criança com o outro, durante a sua higienização, e em vários outros momentos. Como afirma Bastos (2019), através desse contato, inconscientemente o bebê aprende a buscar a sua satisfação em si próprio, levando-o à auto erotização do seu corpo, o que permite satisfação do Eu de forma narcísica. Por isso, desde quando se é bebê, o sujeito investe em si próprio para suprir a falta.

O período da infância proporciona umas das relações mais importantes para a constituição do sujeito, a do representante materno com a criança. É através desse momento que o bebê será mergulhado no mundo da palavra e passará a nomear os elementos que o rodeia. Bastos afirma que “os afetos (a relação de objeto) que surgem lá na relação da dupla mãe-bebê serão determinantes para o desenvolvimento psicosssexual do sujeito” (2019, p. 81), assim, a relação materna proporciona a nomeação das expressões realizadas pelo bebê: é através do choro, expressão de necessidade de algo, que a mãe irá dar nome ao que o bebê precisa. Existe o choro de fome, de frio, de sono e até mesmo o de ‘birra’. Por consequência, através da nomeação realizada pelo representante materno, o sujeito vai se constituindo pelo Outro.

Assim, através das pressões que vem de dentro para fora (as pulsões) o indivíduo passa a conhecer o que lhe proporciona prazer e desprazer, constituindo um Eu que irá se relacionar afetuosamente conforme a sua constituição narcísica. Esta constituição narcísica irá ser resultado do relacionamento mãe-bebê, principalmente, por aquilo que, através da satisfação obtida pelo que foi proporcionado pelo Outro, será introjetada no sujeito, tornando-se objeto de satisfação, possibilitando o narcisismo. Freud explica que “(...) o Eu a princípio se constitui de suas pulsões, que o impulsiona em busca de prazer e, dessa forma, aplacam o seu desprazer, obrigando-se a trazer (introjetar) do mundo externo o objeto capturado pelos seus instintos, ou seja, incorporando para si a relação que inaugura o amor-próprio ou o narcisismo” (apud Bastos; 2019, p. 80).

Em sua formação psíquica o bebê em contato com o outro acaba tendo suas necessidades satisfeitas, gerando assim uma sensação que ele incorpora para si, algo que é do outro, que vem de fora. No início tem-se a mãe como estimuladora principal, perdendo com o tempo tal exclusividade, e assim o bebê se faz em outro mecanismo. Para os autores Rocha, Paravidini e Júnior (2014) através do mecanismo de introjeção e do prazer adquirido pela relação com os objetos, que a falta é instaurada e a criança passa a investir em objetos externos, implicando em sua constituição.

Por isso, para que o relacionamento entre o bebê e o objeto seja estabelecido, é necessário à sua introjeção, o que implicará na forma como ele se relaciona com os objetos externos e futuros (Bastos, 2019). Logo, através das experiências e vivências da criança e, além disso, do afeto proporcionado durante a sua relação com a função materna e com os objetos apresentados durante esse período, ocorrerá a inscrição daquilo que o sujeito irá julgar como satisfatório ou não, permitindo as suas escolhas objetais futuras que serão decorrentes da busca da satisfação das pulsões.

Logo, ainda para Freud (1915) citado por Bastos “a mãe inaugura a sexualidade ao interagir com seu bebê que pode fixá-la de forma saudável ou nem tanto, através desta dupla via: pulsão e objeto” (2019, p. 81). Assim, a pulsão pode ser considerada umas das forças que irá conduzir o indivíduo na busca de sua satisfação, através da relação com o seu objeto de desejo, o qual será constituído através da relação do bebê com o mundo.

A pulsão, causada pela castração – momento traumático em que a falta é instaurada – possibilita o desejo e a sua auto erotização. Pires (2019) aponta que a pulsão é um elemento que permanece em constante pressão, marcado pelo representante psíquico que, uma vez instaurado permanece como uma ligação fixa. Ou seja, a pulsão torna-se um elemento responsável pela busca de gozo do indivíduo, procurando satisfazer-se dos prazeres introjetados durante a sua infância.

A partir disso, permite-se compreender o narcisismo como o momento provocador da representação daquilo que se goza de maneira autoerótica, permitindo gozar de forma autônoma, em seu próprio corpo. Jorge (2019, p. 80) aborda o narcisismo primário como: “(...) aquilo que, ao chegar o bebezinho no mundo, os pais depositam todo o desejo e todo amor deles naquele serzinho, que ainda não é uma pessoa, ainda não é um sujeito, mas recebe tudo o que implica o desejo de vida.” Logo, o narcisismo funda o Eu do sujeito e, junto a isso, têm-se a fonte libidinal do desejo que irá buscar a satisfação que fora introjetada na relação mãe-bebê”.

Portanto, a relação com os pais e com o mundo externo durante a constituição do sujeito será um ponto decisivo para suas escolhas amorosas por demarcarem as primeiras experiências das relações de objeto, tendo como tentativa fantasmática a busca por sua completude inicialmente perdida de si mesmo. Por isso, pode-se concordar com a consideração realizada por Jorge (2019) ao afirmar que o amor é narcísico, pois o que o sujeito busca é suprir a falta instaurada pelo real da castração. Por consequência, possibilita-se a sensação de completude que provém da simbolização do objeto de desejo narcísico, trazendo-o do estado imaginário para o real. Ainda para o autor citado anteriormente: “O real adquire sentido, e essa é a força do amor, é dar sentido ao real, ao que não tem nenhum sentido. O amor dá sentido ao real, dá sentido a tudo aquilo que nos acossa durante a vida, seja de fora, de uma maneira violenta, traumática, seja de nosso próprio interior, do pulsional. Somos traumatizados pelos desejos e pulsões” (2019, p. 78).

Assim, considerando a profundidade de sentido possibilitada pela relação afetiva com o outro, a pessoa amada passa a ocupar um espaço de grande valia por sua representação psíquica ao sujeito e sua perda implica em uma perda e satisfação pulsional, ou seja, a perda da sensação de completude que um dia supôs. Por outro lado, amar não implica somente a sensação de prazer: o ódio se faz presente e anda ao lado do amor. Jorge comenta como o ódio está presente nas relações afetivas devido a possibilidade de perda do objeto amoroso. Para o autor:

Não existe amor verdadeiro que não leve ao ódio. Porque se quando eu amo o outro me completa – e completa mesmo, não é ilusão, o amor completa (...) o sujeito não abre mão dessa sensação de completude; e se ele perder essa completude, ele perdeu tudo. Porque se ele conseguiu o objeto a que ele tanto aspirou, se ele teve a sensação, a vivência real de ter conseguido esse objeto, concordo com Ana Suy, é ilusório, claro que é ilusório, mas a vivência do sujeito não é ilusória, é verdadeira e toma todo o ser dele (2019, p. 78).

O sujeito busca fazer as suas escolhas amorosas pelas representações psíquicas narcísicas, ligada a falta proporcionada pelo trauma inaugural preenchido pelos elementos que o recobrem. Outro fator importante a ser elucidado é a alteridade do desejo humano que, para Rocha, Paravidini e Júnior (2014) remete-se a um vazio que não se faz originário, mas que se constitui como uma fenda intersubjetiva. Em outras palavras, o sujeito apresenta um furo em sua constituição e busca tamponá-lo através de sua satisfação mais genuína, sendo esta instaurada durante a sua constituição. Entretanto, apesar da satisfação, esse furo nunca se fecha

por completo, ou seja, o sujeito sempre deseja, tem desejo de desejo: “Essa condição de desejo é fundamentalmente marcada pela moção móvel que ele ganha ao referir-se sempre a um outro. O desejo é, desse modo, continuamente colocado na condição de referência a uma exterioridade que busca, fatidicamente, tamponar uma lacuna interior” (Rocha; Paravidini; Júnior, 2014, p. 805).

Do mesmo modo que se tenta tamponar o desejo com o amor e seus objetos, este tem caráter mutável, o que implica em sua alteridade e em sua atualização objetal. Zanetti (2012 apud Emídio e Souza, 2019) atribui a isso o atravessamento de elementos da contemporaneidade como o consumismo, individualismo e o modelo tecnológico, assim, tais influências culminam em uma falta que permeia as angústias do indivíduo na atualidade, causado por uma perda de significado do amor e das relações ao buscar a sua satisfação e completude em objetos externos e em si próprio.

Para Emídio e Souza (2019) atualmente se busca relações que irão proporcionar alguma forma de prazer ou benefício, independente se momentâneo ou não, permanecendo na relação enquanto têm-se um benefício, utilidade ou enquanto se é objeto de desejo. Isto explicaria o motivo das formas de se relacionar ganharem novas possibilidades no século XXI, permitindo trocas constantes de parceiros, laços afetivos que não correspondem a monogamia e que devido à sua flexibilidade podem ganhar caráter líquido. Elementos subjetivos que se cruzam com questões sociais, possibilitando conflitos no laço afetivo, assim: “Entre a fuga e a permanência em um vínculo conjugal, existem também aspectos psíquicos que se apresentam totalmente atravessados por esses imperativos sociais. Em um contexto em que amar pode ser sofrido, se casar e se manter vinculado a um parceiro escolhido, apresenta-se como um desafio” (Emídio; Souza, 2019, p. 101).

Logo, inserido cada vez mais em um sistema capitalista que estimula a busca pela satisfação plena através de padrões pré-estabelecidos e pelas relações dominantes, o sujeito passa a ser alvo de uma incessante busca de satisfação propagado pela cultura que está inserido. Dessa maneira, a sociedade proporciona formas de o indivíduo manter-se conectado a meios que possam lhe causar o alívio de suas angústias através de momentos que induzem a uma “paz” artificial (Rocha; Paravidini; Júnior, 2014), proporcionando a sensação momentânea e ilusória de satisfação plena, logo, permitindo a alienação psíquica do sujeito.

Essa pode ser compreendida pelo conflito que se tem ao procurar se satisfazer de maneira egóica, agindo através do Ideal de Eu, que é regido pelo Supereu. Sendo este o

representante da interdição, inserido enquanto ser da cultura num universo de relações regulamentadas, tem seu funcionamento sempre pautado por uma exigência imposta ao Eu, em busca de um gozo em um eu idealizado:

Há também uma quase ausência de possibilidades de auto-observação, já que o que resta a ser observado é justamente aquilo que é lícito ser vivido na hipermodernidade: uma estetização hipervalorizada do que é novo, prático e belo aos padrões contemporâneos. Abre-se, portanto, um espaço para se pensar a oposição criada entre os ideais egóicos e a manutenção a todo custo, de um eu idealizado (2014, p. 811)

A posição de sujeito desejante que tem em si a marca da castração, um tanto traumática, aliciado com contemporaneidade que, "em sua recusa ao desamparo inerente, ao devir humano, tem cada vez mais colocado o aparato psíquico em um movimento a-histórico" (Rocha; Paravidini; Júnior, 2014, p. 807), assolam o indivíduo em um número cada vez maior de sensações expressas pelo capitalismo. Haja visto tal angústia, o sujeito desejante se liga então a um número cada vez maior de possíveis realizações de seu desejo, o gozo: "Gozo não mais correspondente às leis de uma sociedade patriarcalista repressora, mas que tem como primazia a ausência de identidades fixas e abertura permissiva à tudo aquilo do que se possa extrair constante gozo" (Rocha; Paravidini; Júnior, 2014, p. 812).

A sociedade atual expressa suas necessidades no consumo de objetos que se atualizam vorazmente. Para Lacan (1972/2012) citado por Derzi e Marcos (2018, p. 263) têm-se um afastamento das coisas como algo próprio à época que se abre com a entrada do discurso do capitalismo. Em uma sociedade onde o gozo passa a ser um elemento prometido pelo capitalismo, o indivíduo busca eliminar as suas angústias através do consumo ilimitado, por isso, consomem, mas, também são consumidos (Derzi; Marcos 2018). Em outras palavras, permite-se o gozo através de instrumentos de fácil acesso ao indivíduo, como os sites de pornografias ou os aplicativos de encontro.

Os meios de comunicação utilizam de imagens e padrões que apelam para sensações ligadas a satisfações e prazeres imediatos, para assim venderem. Para Derzi e Marcos (2018), os objetos de satisfação são encontrados cada vez menos na relação com o Outro, o que leva o indivíduo a ligar-se cada vez mais com gozo de seu corpo. Por consequência, possibilitando o gozo uno, sem a necessidade específica de encontrar no outro o seu prazer.

Os aplicativos de relacionamentos tendem a induzir a essa lógica de tamponar o desejo, uma vez que ali, no ambiente e cultura dos apps, as pessoas buscam se conectar uns aos outros a fim de se sentir desejado. O clímax das sensações vem com o "match" que é a constatação

explícita de ser aceito pelo outro, logo se abre um canal direto de comunicação com aquele. Rocha, Paravidini e Júnior (2014) explicam como o sujeito se sente apressado para gozar através de elementos proporcionados pela sociedade capitalista, de uma maneira cada vez mais urgente.

Ao buscar se satisfazer de uma maneira que afirme aquilo que se tem como modelo de autorrealização egóica, e a fim de diminuir a sua angústia e desamparo, o sujeito utiliza meios de fácil acesso proporcionados pela cultura para o seu gozo: “A aceleração da fluidez do desejo, garantida durante os tempos que correm, faz uma espécie de cobrança ao psiquismo. Esta não se realiza como um pedido suave, mas como um grito, um apelo que, por meio de um denso estardalhaço, faz-se sentir de forma atordoante no psiquismo” (Rocha; Paravidini; Júnior, 2014, p. 808).

A partir disso é possível compreender que a escolha sofre alteração e influência tanto no campo social quanto no psíquico, demonstrado nos investimentos de suas pulsões sempre modificadas conforme o tempo, não sendo possível a sua delimitação. Logo, o sujeito perde-se ao buscar se encontrar em formas de satisfações rasas, momentâneas, cada vez mais pautadas na promessa de prazer e realização propagada pela cultura. Ele se homogeneíza na sociedade, se funde a ela, segue o seu movimento, perde a sua individualidade, sua subjetividade, não atende e não se dispõe a entender o seu próprio desejo, se satisfaz, mas permanece vazio.

Portanto, pode-se afirmar que o desejo está sempre em busca de uma nova forma de satisfação, do objeto perdido, logo, do objeto *a*, o significante que resta da marca da falta, manifestada através dos objetos pulsionais. Para Pires o objeto *a* tem a função de causa, pois “causa o desejo e é causa do desejo” (2019, p. 85), aquilo que o sujeito investe para gozar. Este fato resulta na fantasia que se tem frente ao outro; um processo narcísico onde o indivíduo irá projetar no outro tudo àquilo que diz de sua falta mais narcísica, dando caráter de completude ao Outro.

Assim, a fantasia passa a ser um anteparo que permite ao sujeito lidar com o real, aquilo que lhe é insuportável e que o atravessa subjetivamente (Derzi; Marcos, 2018). Nas relações amorosas, principalmente no modelo monogâmico, é comum encontrarmos pessoas que, angustiadas, buscam motivos para perdurar o laço afetivo, pois querem evitar as implicações que acreditam que a interrupção do vínculo com o/a parceira terá em sua vida, muitas vezes simbolizando o outro como o provedor de sua felicidade. Por consequência, isso pode levar o sujeito a fantasiar motivos que irão incentivar e influenciar na continuidade do laço com o outro.

Por isso, no campo dos relacionamentos a alteridade passa a ser um elemento que deve ser reconhecido em si e no outro para que se possibilite a subjetividade do indivíduo como um sujeito de desejo, ou seja, como um indivíduo que sempre está em busca de sua satisfação e que terá a sua causa de desejo renovada, pois ele é constituído pelo objeto *a*: “É somente por meio da mediação de um Outro – enquanto um suposto que serve, com o vazio de seu desejo, como aparato entre um sujeito e o mundo que o circunda – que se torna possível criar novos destinos à pulsão” (Rocha; Paravidini; Júnior, 2014, p. 805). É necessário a quebra da fantasia para travessia ao real e o reconhecimento do outro como sujeito de desejo, possibilitando aos envolvidos na relação à expressão de seus desejos e, por sua consequência, cada um com a sua satisfação.

Esse movimento possibilita o reconhecimento do outro como um ser de alteridade, mutável, não estático e que, portanto, não se vê anulado pelo outro. Sua anulação e o não reconhecimento do outro como ser de alteridade pode ter desdobramentos nas relações afetivas que podem levar o sujeito a questionar sua permanência no relacionamento, pois a não consideração da alteridade nas relações afetivas implica na percepção imagética, fantasmática e fantasiosa que o sujeito tem em consideração ao outro. Entretanto, devido ao contexto cultural da sociedade e dos modelos de relações criadas pela cultura e pela mídia capitalista, o indivíduo se vê em conflito ao pensar na finitude do laço amoroso, principalmente pelas implicações que esse término pode simbolizar.

O indivíduo investe suas forças pulsionais na busca pela felicidade que será proporcionada pelo outro, afinal, foi isso que aprendeu com os modelos de relacionamentos retratados na ficção, em filmes, novelas, livros, propagandas, afinal, até mesmo nos contos de fadas as crianças são estimuladas a buscar um “felizes para sempre”. Portanto, ao colocar o amor numa posição de felicidade plena, o sujeito, insatisfeito pela perda de reconhecimento como sujeito de desejo e de alteridade, entra em conflito consigo mesmo devido a sua insatisfação no relacionamento. Entretanto, embora a busca pelo par seja reforçada de inúmeras maneiras, na contemporaneidade novas formas de se relacionar emergem de maneira significativa, dando uma nova roupagem para os significados do amor:

Os imperativos amorosos atuais estabelecem que um relacionamento amoroso precisaria estar baseado no presente e principalmente durar, mas sem perder a intensidade; precisaria conjugar desejo com estabilidade, paixão com intimidade, segurança com vertigens de liberdade. Ou seja, deveria proteger da palidez do cotidiano, da solidão, da indiferença, e ao mesmo tempo não aprisionar, não cobrar, não sufocar (Eizirik, 2018, p. 217).

Por outro lado, o rompimento de uma relação pode implicar em um momento de dificuldade para o indivíduo devido ao significado que o outro tem para ele, principalmente, por ser estimulado socialmente na busca pela sua “cara metade”. Essa noção de que o amor é persistente pode levar o sujeito a permanecer em uma relação em que a angústia se torna presente na vida psíquica do indivíduo, por isso, romper um laço afetivo torna-se um desafio complexo, pois envolve o corte com a sua escolha objetal e que, como sabemos, é um objeto narcísico que sustenta a posição do sujeito frente ao relacionamento que está inserido. Por isso, o término de uma relação afetiva pode envolver tanta angústia, pois o sujeito está abdicando o lugar que ocupava na relação, resultando no luto da perda da posição antes sustentada pelo desejo.

Decidir pelo rompimento do laço afetivo envolve questões subjetivas que pertencem, exclusivamente, ao sujeito que está envolvido neste conflito. Logo, para que o sujeito possa pensar na saída do relacionamento em que está inserido, é necessário um processo em que se possibilita travessia de suas fantasias. Para Derzi e Marcos (2018) a fantasia é uma forma do sujeito lidar com o insuportável, ou seja, é pela fantasia que o sujeito ainda conseguirá obter prazer mesmo estando em uma relação afetiva onde têm-se a angústia como principal resultante deste laço.

Dessa forma, o sujeito cria, inconscientemente, os seus motivos para manter-se em uma relação ou em uma situação que, embora para o sujeito possa não parecer, lhe permite o gozo. Isso pode ser exemplificado em casos de violência doméstica onde muitas vezes a vítima acredita que está sendo violentada por amor. A fantasia é um elemento psíquico criado para que o sujeito possa exprimir prazer de suas vivências. Segundo Andrade e Hergoz: “Ao criar uma encenação imaginária na qual pode figurar como um dos participantes da cena, o sujeito se afasta dos sentimentos aflitivos e tem assegurada a realização de um desejo” (2017, p. 172).

A fantasia serviria como uma maneira de induzir o sujeito a permanecer no relacionamento, pois a perda do seu objeto de prazer, ou daquilo que ele acredita ainda ser o seu objeto de prazer, envolve a perda de elementos narcísicos, pois a sua escolha objetal tem como primazia o narcisismo. Um elemento que surge na infância como forma de dar resposta a questões não respondidas aos infantes: “As teorias sexuais das crianças também se configuram como expressão da dimensão imaginativa infantil. Essas teorias buscam dar uma resposta àquilo que, para a criança, se apresenta como um importante enigma a respeito de sua origem” (Andrade; Herzog, 2017, 172).

Assim, a procura de evitar o sofrimento, desde a infância, o sujeito utiliza da fantasia em suas brincadeiras o que lhe permite a capacidade de criar o seu próprio mundo, da maneira que lhe é mais aprazível (Andrade; Herzog, 2017). Por isso, ao pensar no término de uma relação, o indivíduo precisa atravessar a fantasia. Esse processo torna-se complexo, pois, a fantasia é um elemento de proteção contra a insatisfação do sujeito. Ainda para os autores citados anteriormente: “A fantasia, na vida adulta, passa a funcionar como uma zona de passagem entre a realidade objetiva e a dimensão imaginativa. Compreende-se, portanto, o fantasiar como uma zona de transição entre o princípio de realidade e o princípio de prazer” (2017, p. 172).

Dessa forma, a fantasia envolve um processo em que se tem a transformação da insatisfação em satisfação. Atravessá-la envolve um movimento de encontro com o real que permitirá a ressignificação de instâncias psíquicas e que, conseqüentemente, permitirá ao sujeito a responsabilização de suas escolhas objetais de forma consciente. Podendo, portanto, amar sem aniquilar a existência do outro por imperativo de sua fantasia inconsciente.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a constituição do sujeito é um momento de extrema importância para a definição de suas escolhas afetuosas futuras, sendo um processo que irá influenciar nos modos de relacionar-se consigo e com o outro. Outrossim, compreende-se o sujeito como um ser fundado pelo narcisismo e que, a partir de suas faltas, busca tamponar e possibilita ao ser humano o sentimento de completude a partir da relação com outro. Assim, o narcisismo torna-se um elemento que proporciona ao sujeito o desejo, este fundando desde quando ainda se é bebê.

O amor foi e ainda é um fenômeno que passa por mudanças de acordo com a sociedade, conceituando-se a partir de forças institucionais que moldam os seus significados e que, atravessado pela cultura, permite ao sujeito uma grande rede de simbolizações sobre o que é o amor, podendo impor apenas um tipo de relação afetiva como ideal ou abrindo um leque de possibilidades frente ao modo de relacionar-se com o outro.

Por isso, o capitalismo e a sociedade de consumo tornam-se contribuintes para a sociedade líquida, pois propaga, principalmente, uma grande gama de possibilidades de satisfação ao sujeito e propicia o gozo num movimento de substituição e descarte de objetos, fazendo-se semelhante com o sistema capitalista que visa um grande investimento em soluções

rápidas a fim de solucionar as suas angústias e frustrações. Assim, o indivíduo investe sua força libidinal no gozo, mesmo que este seja superficial e momentâneo.

Por fim, mesmo havendo várias formas de relacionar-se com o outro e, embora os compromissos e contratos amorosos tenham ganho caráter mais flexível, a fantasia torna-se um processo que deve ser revisto em laços afetivos onde a angústia emerge como resultante da não permissão da alteridade do desejo imposta por um ou mais participante da relação, pois é através de sua travessia que o sujeito poderá se escutar melhor frente àquilo que deseja e, possivelmente, compreenderá qual a sua posição psíquica frente ao seu relacionamento.

Ainda que se possa tomar a psicanálise como uma ciência que não considera os atravessamentos sociais na constituição do sujeito, este argumento se torna infundado, pois desde seu início o sujeito se constitui articulado ao desejo do Outro, ainda que travestido de outro pelo real, imaginário e simbólico. Faz-se, portanto, seguir com novas pesquisas para se compreender o que ocorre em certos homens que não suportam perder seu objeto de amor e partem para o feminicídio ou a violência contra mulheres.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Bárbara; HERZOG, Regina. A fixidez da fantasia na clínica contemporânea. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 169-179, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100011. Acesso em: 11 mar. 2026.

BASTOS, Gilla Maria Jacobus. Vamos (voltar a) conversar sobre sexualidade em psicanálise?: Amor e ódio e seus destinos nas manifestações da sexualidade. **Estudos de Psicanálise**, n. 51, p. 79-87, jul. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000100007. Acesso em: 11 mar. 2026.

BRAZ, Ana Lúcia Nogueira. Origem e significado do amor na mitologia greco-romana. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 63-75, mar. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/t9YgFTm9ZpqRkWSWQzjqwbJ/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2026.

DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens**: do amor e outros ensaios. Tradução: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CAICEDO-ROA, Monica *et al.* Femicídios na cidade de Campinas, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 6, p. e00110718, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00110718>. Acesso em: 11 mar. 2026.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhoa. Dominar, submeter-se, libertar-se: Jessica Benjamin e os laços de amor. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 3, p. 686-704, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/9732>. Acesso em: 11 mar. 2026.

DERZI, Carla de Abreu Machado; MARCOS, Cristina Moreira. A impossibilidade do amor no filme "Uma relação pornográfica". **Tempo Psicanalítico**, v. 50, n. 1, p. 258-276, jul. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000100013. Acesso em: 11 mar. 2026.

DUNKER, Christian. **O que é o Grande Outro para Lacan?** [S. l.: s. n.], 21 set. 2016. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Christian Dunker. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUCG06nbbBY>. Acesso em: 11 mar. 2026.

EIZIRIK, Marina Faermann. O amor, um pássaro rebelde. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 25, n. 1, p. 205-229, abr. 2018. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/354>. Acesso em: 11 mar. 2026.

EMÍDIO, Thassia Souza; SOUZA, Juliana Beatriz Ferreira de. Até que algo os separe: um estudo sobre o estabelecimento e a manutenção do casamento na contemporaneidade. **Vínculo**, v. 16, n. 1, p. 98-112, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902019000100010. Acesso em: 11 mar. 2026.

FILIPPI, Andrea Senna Di *et al.* A neurose obsessiva: da teoria à clínica. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 22, n. 3, p. 362-371, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/xCPHqZLQ3V3qTV4dHZfWXRb/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2026.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 7).

FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 3, p. 259-281.

FUKS, Betty Bernardo; RUDGE, Ana Maria. Em torno da complexa articulação sujeito e cultura. **Psicologia USP**, v. 29, n. 1, p. 1-9, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/DFWsmNtrT4DHTmHVXb3YQdd/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2026.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo. **Reverso**, v. 41, n. 77, p. 75-81, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000100009. Acesso em: 11 mar. 2026.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um Ensaio-Teórico? **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, mar./abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>. Acesso em: 11 mar. 2026.

MIRANDA FILHO, Mário. Nota sobre Eros em O banquete de Platão. **Ide**, São Paulo, v. 34, n. 52, p. 43-56, jun. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100006. Acesso em: 11 mar. 2026.

OLIVEIRA, Marcella Pereira de. O feminino e suas nuances: uma relação entre o conceito de devastação e a violência contra a mulher. **Mental**, v. 12, n. 22, p. 53-71, jan./jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-44272018000100005&script=sci_abstract. Acesso em: 11 mar. 2026.

PINHEIRO, Maria Cláudia Tardin; ANDRADE, Regina Gloria. Leitura psicanalítica da publicidade amorosa. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 296-312, set. 2004. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200006. Acesso em: 11 mar. 2026.

PINHO, Miriam Ximenes. "O amor feliz não tem história": notas sobre o amor cortês e a impossibilidade. **Stylus (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 187-193, out. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-157X2015000200019&script=sci_abstract. Acesso em: 11 mar. 2026.

PIRES, Maria Pompéia Gomes. O que é o amor? **Reverso**, v. 41, n. 77, p. 83-86, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000100010. Acesso em: 11 mar. 2026.

QUADROS, Elton Moreira. Eros, Fília e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 165-171, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/10173>. Acesso em: 11 mar. 2026.

ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues; PARAVIDINI, João Luiz Leitão; SILVA JÚNIOR, Nelson da. Subjetividade, alteridade e desamparo nos tempos atuais. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 3, p. 803-816, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/PtHZ8QjkhGwf77WNr5ffDD/?lang=pt> Acesso em: 11 mar. 2026.

SCHÜSSLER, Cristina; LOMANDO, Eduardo. Negociação sexual conjugal. **Pensando famílias**, v. 23, n. 1, p. 19-33, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100003. Acesso em: 11 mar. 2026.

SMEHA, Luciane Najar; OLIVEIRA, Micheli Viera de. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 2, p. 33-45, maio/ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200004. Acesso em: 11 mar. 2026.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 11 mar. 2026.

TEIXEIRA, Enéas Rangel. Uma questão de eros na filosofia do cuidado com o corpo. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 186-192, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000500022>. Acesso em: 11 mar. 2026.